



ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS INDUSTRIAIS DE LACTICÍNIOS

Em defesa da indústria

A Associação Nacional dos Industriais de Lacticínios (ANIL) congrega as mais importantes empresas de transformação do leite e derivados a operar em Portugal e é reconhecida como legítima representante da indústria de lacticínios nacional. Liderada, há mais de uma década, por Pedro Pimentel, tem como principais objectivos: a defesa da imagem do leite e seus derivados como produtos de excelência; a defesa da presença e competitividade dos produtos portugueses na distribuição e o apoio à internacionalização das empresas nacionais. Nesta entrevista, o secretário-geral da Associação fala do que mudou no sector, dos desafios que se lhe colocam e do papel da ANIL no actual quadro de mercado.

NEWS - Com mais de 30 anos de existência, o que mudou na ANIL e de que forma os objectivos iniciais continuam válidos?

Pedro Pimentel - Se considerarmos que a ANIL é a legítima e única sucessora do Grémio dos Industriais de Lacticínios e considerando que este último foi constituído no início de 1957 pode-se afirmar que a ANIL comemorará o seu cinquentenário no próximo ano, estando já a ser preparadas algumas iniciativas com as quais tentaremos dar o ênfase e a dignidade que estas 'bodas de ouro' em nossa opinião merecem. Em relação aos objectivos que presidiram à sua constituição podemos considerar que o fim último - "a defesa dos interesses da indústria portuguesa de lacticínios" - permanece, mas que ao nível dos meios e das ferramentas, até pela força da evolução dos tempos, muitas coisas mudaram...

NEWS - Qual a principal função da ANIL no actual quadro de mercado? Quais os seus principais objectivos e metas?

PP - Numa economia de mercado, cada vez mais aberta e liberal, cabe à ANIL, de forma crescente, a divulgação do mais amplo leque de informação que permita apoiar as decisões que, dia após dia, os nossos empresários necessitam de tomar, mas também o desenvolvimento de documentos prospectivos que

permitam suportar as posições que, em cada momento, o sector deve defender.

Dada a elevada heterogeneidade das empresas filiadas, tem sido feito um elevado esforço no sentido de encontrar o 'tom' que permita passar essas mensagens a todos, empresários e técnicos. Além disso, tem sido dada uma crescente atenção ao 'cliente externo', sejam as autoridades nacionais e internacionais, seja a comunicação social, sejam associações congéneres e complementares, sejam os consumidores ou os cidadãos em geral.

NEWS - Como caracteriza a indústria de lacticínios nacional? Pontos fortes e principais debilidades?

PP - A indústria de lacticínios em Portugal, a exemplo, aliás, de toda a fileira do leite, sofreu uma profunda transformação nos últimos 20 anos, consequência, entre outros factores da adesão do país à União Europeia e da crescente abertura do mercado nacional às empresas e aos produtos provenientes do exterior. A indústria láctea portuguesa foi, em muitos casos, reactiva,



Pedro Pimentel, secretário-geral da ANIL

Entrevista com...

mas também proactiva, criando, sucessivamente, condições que permitiram primeiro a sua sobrevivência, depois a sua consolidação e, mais recentemente, a sua concentração e expansão.

Olhando para o sector hoje-em-dia, podemos referir como principais pontos fortes: a sua forte estruturação em torno de um conjunto significativo, mas pouco numeroso, de empresas bem organizadas e com estratégias comerciais bem construídas e bem sucedidas; a conquista do consumidor português para o leite e seus derivados, com um crescimento sustentado das respectivas capitações; o desenvolvimento da produção leiteira nacional e a estruturação e desenvolvimento da distribuição alimentar no país, aproximando o consumidor do produto.

Em relação às debilidades e principais ameaças ao sector, podemos começar por destacar as dificuldades vividas actualmente por algumas empresas do sector, em especial as que se dedicam à fabricação de queijo no Continente, que sofrem de problemas de dimensão, de organização e da própria indiferenciação dos produtos laborados; por outro lado, é ainda bastante escasso o peso das exportações de produtos transformados e menor ainda o nível de internacionalização efectiva do sector; no que se refere à produção há a referir a intranquilidade introduzida pelas indefinições ao nível da política leiteira comunitária. Finalmente, a nível comercial, destaque para a pressão desenfreada introduzida pela moderna distribuição, geradora de elevados problemas no campo da rentabilidade, bem como a presença crescente de produtos importados nos nossos espaços comerciais, em especial nos segmentos do queijo e dos leites fermentados.

NEWS - Como actua a ANIL, ou qual pode ser a sua intervenção, no sentido de potenciar os pontos fortes e debelar as fragilidades que apontou?

PP - Do lado dos pontos fortes, cabe à ANIL potenciar a consolidação da presença no mercado das empresas mais dinâmicas, apoiando as suas pretensões junto, por exemplo, das autoridades nacionais e comunitárias ou reforçando a sua participação em iniciativas que contribuam para realçar a respectiva importância e contributo para o desenvolvimento sectorial. Cabe-nos também contribuir para uma imagem muito positiva do leite e seus derivados, protegendo o sector dos ataques, infelizmente, cada vez mais frequentes de franjas algo extremistas, mas muitas vezes alimentadas por sectores e produtos concorrentes, em atitudes de uma ética altamente questionável. No que se refere à produção leiteira, a ANIL está a desenvolver esforços para que seja a mesma dotada de meios técnicos, mas também financeiros, que permitam atingir o nível necessário à sua sobrevivência sustentada no médio-longo prazo e dotando, por essa via, a indústria do necessário abastecimento de matéria-prima.

NEWS - No quadro comunitário e, de forma ainda mais ampla, em termos de conjuntura internacional, como vê a evolução da indústria de laticínios e qual o nosso enquadramento neste cenário externo?

PP - Se considerarmos que as grandes empresas lácteas norte-americanas e japonesas estão quase exclusivamente direccionadas para os seus mercados



nacionais, percebemos que os grandes operadores que se movimentam à escala global são todos, com excepção dos neozelandeses da Fonterra, de origem europeia. Percebemos também que, no Velho Continente, o número de fusões e aquisições é extremamente elevado, mas que uma parte substancial desses movimentos se faz em torno dos três principais operadores europeus (Lactalis, Arla Foods e Campina Melkunie) sendo que depois disso existe uma vintena de empresas de dimensão muito relevante, especialmente à escala regional (e onde se integra a nossa Lactogal), de que muito depende o equilíbrio actual e futuro do sector lácteo europeu. Considero também que a generalidade dos mercados lácteos nacionais, na Europa, está a sofrer uma organização progressiva em torno de uma ou duas empresas. As excepções actuais passam essencialmente por França, pela dimensão do seu mercado e pela especialização dos seus segmentos e por Espanha, onde, julgo muito do futuro equilíbrio lácteo europeu se irá jogar. Em relação a Portugal, quer pela recente aquisição da Celta pela Lactogal, quer pela proximidade geográfica e pela integração com Espanha no seio do mercado ibérico, há a considerar a possibilidade de que alguns dos movimentos que incidam sobre o país vizinho possam interagir quer com empresas nacionais, quer com o mercado português.

NEWS - Qual o papel desempenhado pela ANIL em termos internacionais?

PP - Só nos anos mais recentes se tem verificado um crescendo de atenção das empresas portuguesas pelos mercados internacionais. Até aí o posicionamento do sector lácteo português e, por consequência, da própria ANIL era essencialmente defensivo e de tentativa de salvaguarda, no contexto comunitário, de algumas especificidades nacionais.

Nos últimos anos, a ANIL tem-se vindo a envolver de forma crescente nas actividades das entidades comunitárias e internacionais de que directamente (como

é o caso da European Dairy Association) ou indirectamente (International Dairy Federation, CIAA, UNICE,...) faz parte. Para além disso, alguns técnicos têm assumido papéis de destaque na condução de dossiers técnicos nessas mesmas organizações.

NEWS - A questão da nutrição e da "boa imagem" que os lactínicos usufruem neste território é uma oportunidade para dinamizar a indústria?

PP - As questões nutricionais têm vindo a ganhar crescente espaço na opinião pública e na comunicação social.

Há a constatação de duas realidades concordantes: os consumidores têm uma consciência crescente da necessidade de prevenir problemas de saúde associados à alimentação e existe, por outro lado, uma procura crescente de produtos que apresentem alegações nutricionais e de saúde e, deste ponto de vista, este novo 'tempo' apresenta um conjunto de oportunidades para a indústria alimentar no seu conjunto e que alguns sectores, com o lácteo em clara liderança, se têm esforçado em aproveitar, apostando na investigação e desenvolvimento.

Pela dimensão das suas empresas e do seu mercado, Portugal não é um país pioneiro ou líder nesta matéria. No entanto, o número de empresas que segue com atenção estas evoluções e que em alguns casos coloca no mercado produtos inovadores é bastante significativo. Finalmente, uma nota para referir que, a este nível como, aliás, noutras matérias, as autoridades comunitárias e, por vezes de forma ainda mais veemente, as autoridades nacionais demonstram uma, em minha opinião, excessiva vontade de regulamentar e especialmente de restringir o esforço de inovação das empresas, por razões que se nalguns casos poderão ter alguma justificação, noutros parecem ser claramente resultado de uma opção ideológica 'disfarçada' de um designio de protecção ao consumidor

NEWS - Como avalia o leite que bebemos em Portugal, faz sentido, em sua opinião, apelar ao consumo de leite português? Porquê?

PP - As regras europeias para a produção de leite (obviamente, aplicadas em Portugal) são as mais exigentes do mundo. Por outro lado, e Portugal deve afirmá-lo com claro orgulho, a qualidade do leite no nosso país teve uma evolução absolutamente extraordinária nos últimos 8-10 anos, bastando para tal recordar a quase total inexistência, nos últimos anos, de problemas de qualidade ou segurança alimentar associados ao leite ou aos seus derivados. Quanto à questão do apelo ao consumo do leite português, uma nota prévia para recordar que a campanha actualmente no ar do Leite 100% Português não é promovida pela ANIL. No entanto, gostaria de dizer que concordo com a mesma, quer do ponto de vista da promoção do produto nacional, quer do ponto de vista da defesa do leite como produto de excelentes características e essencial na alimentação humana. Os meus reparos prendem-se em especial com o facto de haver uma excessiva colagem ao leite de consumo, esquecendo de alguma forma os restantes produtos lácteos, e com o facto de esta iniciativa não ser aberta à participação de todos os produtos lácteos fabricados no

nosso país, também com leite cem por cento português.

NEWS - Está na direcção da ANIL desde 1995, que objectivos considera ainda lhe faltam cumprir e quais as vitórias de que mais se orgulha?

PP - É sempre um pouco difícil ser juiz em causa própria, mas diria que talvez as principais vitórias passem pela consolidação da presença da ANIL no movimento associativo nacional. Outra pela qualidade dos serviços que prestamos e a celeridade com que os prestamos, recordando sempre que somos uma associação com uma estrutura humana muito reduzida.

Não gostaria de deixar passar esta oportunidade sem dar o devido realce ao trabalho desenvolvido por todos os colaboradores da Associação, bem como por alguns Directores mais dedicados que, muitas vezes com um significativo sacrifício pessoal e das empresas a que estão ligados, muito contribuíram para o desenvolvimento da ANIL.

Este é um momento crítico para todo o movimento associativo, que se deverá adequar quer ao ciclo económico quer à evolução do tecido empresarial, visando, tal como com as empresas, aumentar a sua dimensão e sinergias, melhorar a qualidade dos serviços por si prestados e fazer sentir a sua necessidade junto de todos os seus clientes.

Quando esse percurso estiver definido e os meios necessários à sua sustentabilidade assegurados, julgo que terei cumprido os objectivos que presidiram ao convite que me foi formulado para integrar os quadros da ANIL há já mais de uma década...

